

OMP 2.17.1 62

Correio Popular - 30-V
1981

"O Tombamento da Catedral"

Geraldo Sesso Júnior
(Do Instituto Histórico e Geográfico)

Hoje, sob a direção do deputado Cunha Bueno, secretário de Estado da Cultura de São Paulo, e com participação de entidades culturais de Campinas e do litoral, será realizado, para gáudio da coletividade campineira, o tombamento da vestuta Catedral Metropolitana de Campinas. Será um fato de relevante importância, porquanto servirá de uma vez por todas para resguardá-la da destruição, e iniciar o preservamento de outros monumentos históricos que o povo campineiro vem tutando. Com esse evento, por certo se evitará que no futuro outras relíquias não venham a cair no descabro de alguma mente doentia como aconteceu no passado, que em nome do famigerado progresso e de interesses próprios, fizeram desaparecer da lembrança dos campineiros ricos e singelas construções que durante decênios ficaram gravadas nas mentes daqueles que amam e cultuam o passado. Não se repetirão os vandalismos verificados quando da destruição do antigo Teatro São Carlos e das árvores do Largo do Rosário, seguido do irremediável desaparecimento naquele mesmo largo da saudosa Igreja do Rosário; assim como também a sempre lembrada casa de arte que foi o majestoso Teatro Municipal, inaugurado a 10 de setembro de 1930 e demolido há pouco mais de uma década.

No tombamento da Catedral Metropolitana de Campinas, que teve o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, este será representado pelo seu presidente, o campineiro José Pedro Leite Cordeiro e demais membros daquele sodalício, entre eles os acadêmicos Licurgo de Castro Santos, Paulo Silveira Santos, Sólton Borges dos Reis, Tácito Van Langendonck, Odilon Nogueira de Matos, Vinício Stein Campos, Celso Maria de Melo

Pupo, Lúcia Figueira de Melo Falkenberg, o autor destas linhas e demais membros culturais do País.

O acontecimento não satisfaz apenas ao povo campineiro; virá por certo juntar-se e acalentar os espíritos daqueles que já partiram e que durante decênios se tornaram os guardiães invisíveis dos patrimônios que em vida lhe custaram enormes sacrifícios. Assim, aquela idéia nascida há cento e setenta e quatro anos, mais propriamente numa terça-feira, dia 6 de outubro de 1807, seria o marco da história que iria gravar para a eternidade os nomes dos abnegados da época, que idealizaram e construíram a antigamente chamada "Matriz Nova", iniciada no longínquo 1807. Entre os abnegados cidadãos, desde os mais humildes aos mais abastados, se encontrava Felipe Néri Teixeira, que à frente de uma turma de negros escravos iniciou a abertura de enormes valas para o recebimento de seus alicerces.

Quatro anos depois de sua morte, as obras ficaram paralisadas, só sendo reiniciadas a 27 de dezembro de 1812, quando foi nomeado para substituir o falecido, o tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo. Com o correr do tempo, outras paralisações se verificaram, algumas por motivos pessoais, outras por questões técnicas e ainda aquela decorrente de um grande desastre havido durante os andamentos das obras no chuvoso dia 11 de janeiro de 1866. Nessa ocasião, um barranco desmoronou soterrando cinco pessoas e ferindo outras tantas, entre estas alguns escravos. Desse desastre lamentou-se a morte de quatro pessoas. Resumindo os fatos, estes foram apenas parte do desfecho da história que marcou a senda dos caminhos percorridos, para a construção da hoje orgulhosamente chamada Catedral Metropolitana de Campinas.